

Antônio José Duarte Coimbra: a credibilidade de um “português recifense” nas rotas comerciais do teatro brasileiro

Leidson Malan Monteiro de Castro Ferraz¹
(Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro – UNIRIO)

Resumo

A intenção é desvelar um pouco da trajetória de Antônio José Duarte Coimbra, artista do século XIX que se iniciou no teatro na capital pernambucana ainda em espaços de reputação questionada, e, após integrar o primeiro elenco a ocupar o palco do sumptuoso Teatro de Santa Isabel, em 1850, convidado pelo fluminense Germano Francisco de Oliveira e tendo-o como principal mestre, galgou créditos com a imprensa e o público por sua dedicação como ator. Em meio às constantes temporadas no Recife, ele passou a dedicar-se à gestão do negócio teatral a ponto de se notabilizar também como diretor e empresário a percorrer outras casas de espetáculos no Maranhão, Pará, Ceará e Alagoas, inclusive reestruturando algumas delas. Partindo de vestígios espalhados pela imprensa e de raros livros que trazem rastros da sua trajetória, a ideia é averiguar contextos e condensar dados sobre a existência desse português emigrado, reconhecendo, principalmente, sua importância nas rotas comerciais do teatro brasileiro pelo Norte e Nordeste em meio a intensos encontros e permutas culturais.

Palavras-chave: História e crítica; Rotas comerciais do teatro; Século XIX; Teatro brasileiro.

Abstract

This article aims to reveal a bit of the trajectory of Antônio José Duarte Coimbra, a 19th-century artist who started out in theater in the capital of Pernambuco still in spaces of questionable reputation, and, after being part of the first cast to occupy the stage of the sumptuous Teatro de Santa Isabel, in 1850, invited by Germano Francisco de Oliveira – natural from Rio de Janeiro – and having him as his main master, he gained credit with the press and the public for his dedication as an actor. During constant seasons in Recife, he began to dedicate himself to the management of the theatrical business to the point of also becoming notable as a director and theatrical entrepreneur, visiting other venues in Maranhão, Pará, Ceará and Alagoas, including restructuring some of them. Starting from traces scattered through the press and rare books that bring traces of his trajectory, the main idea is to investigate contexts and condense data on the existence of this portuguese

¹ Doutorando em Artes Cênicas pela Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO), com orientação de Henrique Buarque de Gusmão. Ator, jornalista, crítico e historiador do teatro. E-mail: leidson.ferraz@gmail.com.

emigrant, recognizing, mainly, his importance in the commercial routes of Brazilian Theater through the North and Northeast amid to intense encounters and cultural exchanges.

Keywords: History and criticism; Theatrical trade routes; XIX Century; Brazilian theater.

Escrever sobre a trajetória de um artista do século XIX, quando, por enquanto, só tenho pistas dos jornais da época através de notas, anúncios e críticas, é reconhecer que, num verdadeiro quebra cabeças, várias peças estarão ausentes. No entanto, como é impossível dar conta de uma vida num artigo tão sucinto, fica a sensação de que pelo menos sua existência foi ressaltada, ainda mais quando tão poucos que atuaram no “Norte” do país daquele período² figuram com algum destaque nos livros canônicos da historiografia teatral brasileira. A personagem em destaque é Antônio José Duarte Coimbra, português que aportou no Recife ainda criança. Quando chegou não se sabe, nem por que, mas foi no teatro que se encontrou como artista profissional.

Talvez tenha se dedicado ao comércio antes, como muitos portugueses emigrados, mas esta questão ficará ecoando sem resposta. Se o passado, mesmo quando bem documentado, permanece fugidio (LOWENTHAL, 1998), seguirei nesse desafio de lançar pinceladas sobre um agente teatral ainda quase invisibilizado pelos livros da história do teatro no Brasil e em Portugal. Digo quase porque encontrei alguns indícios sobre ele. No raro livro *Carteira do Artista* (1898), o dramaturgo e empresário teatral lusitano Sousa Bastos registra:

Coimbra – Ator bastante estimado no Norte do Brasil e que, segundo me afirmaram, tinha realmente bastante mérito. Foi empresário durante muitos anos. Era em Pernambuco que mais residia e onde dava mais espetáculos. Deixou um filho que continuou na carreira de ator e que trabalha também no Norte. (BASTOS, 1898, p. 627)

Mas vamos por partes. As primeiras aparições de palco do nosso homenageado provavelmente se deram no Recife, a terra que veio viver antes de começar intensa troca com outros lugares deste país como artista viageiro. Por não ter encontrado referência a ele em jornais e outros livros de Portugal, ouso cogitar

² De acordo com o pesquisador Magela Lima (2019), somente no governo do paraibano Epitácio Pessoa, presidente entre 1919 e 1922, houve novo recorte de mapeamento no Brasil para além da oposição entre Norte e Sul, fazendo emergir o Nordeste durante a República.

que se iniciou mesmo na capital pernambucana, mas, como raramente os nomes dos intérpretes apareciam nos anúncios da época, fica difícil precisar sua estreia e em quantas peças atuou no início de carreira.

A primeira apresentação que consta o nome dele – com 23 ou 24 anos – é no domingo 5 de setembro de 1847, no drama *O Padre Casimiro, Guerrilheiro Intrépido*, exibido no Teatro Público (a antiga Casa da Ópera, o primeiro prédio teatral da capital pernambucana³), sob direção do também ator Pedro Baptista de Santa Rosa, num diminuto papel. Quase dois anos depois, a 22 de abril de 1849, ainda o vemos no elenco daquela mesma casa de espetáculos, agora intitulada Teatro de São Francisco, com a peça *A Ponte do Diabo ou A Explosão de Uma Passagem*, drama francês traduzido em Portugal. Coimbra vivia a personagem Paulo Escudeiro, ainda de pequena participação.

Na sequência, vamos encontrá-lo atuando em *Castelo de Laval e o Rei Francisco I*, drama histórico que se passa no século XVI, com sessões nos dias 23 de julho e 30 de agosto de 1849. A obra tematiza o reinado de um prodigioso patrono das artes que iniciou o Renascimento francês e Coimbra fazia o papel do Conde de Chateaubriand. Ele integrou ainda o elenco de duas outras inéditas produções melodramáticas bem ao gosto daqueles tempos: *A Entrada de D. Pedro no Porto ou O Desembarque das Tropas Libertadoras nas Praias de Mindelo*, em que já vivia a personagem principal, D. Pedro, Duque de Bragança, e *Os Jesuítas ou O Bastardo d'El-Rei*, única peça de autor identificado, o gaúcho José Manoel Rêgo Vianna.

Esta última montagem foi exibida a 24 de novembro de 1849, no Teatro da Rua da Praia, com Coimbra no papel de Affonso Peres. A farsa *A Parteira Anatômica*, do dramaturgo português António Xavier Ferreira de Azevedo, encerrou a apresentação⁴. Até então atuando em duas modestas casas de espetáculos,

³ Seu nome referia-se a qualquer peça que intercalasse trechos cantados e falados, como era praxe na época. Construído em 1772, no bairro de Santo Antônio, provavelmente sob o estímulo do Alvará de 17 de julho de 1771 que aconselhava à colônia brasileira o estabelecimento de teatros públicos bem regulados, a Casa da Ópera, o primeiro teatro da vila do Recife, era “um edifício térreo e acaçapado, sem forma e arquitetura alguma que indicasse o seu fim” (COSTA, 1958, p. 135), aparência que reforçava a má fama que ganhou. O espaço, funcionando até 1852 e sendo demolido em 1855, recebeu outros nomes: Teatro Público, Teatro do Recife e Teatro de São Francisco.

⁴ As longas sessões teatrais começavam com um enredo dramático ou trágico, de 4 a 5 atos, seguido de uma comédia em 1 ato, uma farsa ou um entremez, além dos entreatos musicados ou dançados, mas raramente os autores das peças divertidas eram divulgados. Neste artigo, optei por acrescentar o nome do dramaturgo quando consegui descobrir a autoria.

Antônio José Duarte Coimbra foi contratado para integrar o primeiro elenco a subir no palco do imponente Teatro de Santa Isabel, que veio preencher uma lacuna no progresso do Recife. Inaugurado pelo presidente da província, Francisco do Rêgo Barros, o espaço teve clara influência francesa e missão civilizatória. Assim, um público bem maior se sentiu atraído a desfrutar daquela novidade.

Palco luxuoso, credibilidade renovada

O drama histórico *O Pajem d'Aljubarrota*, do português José da Silva Mendes Leal Júnior, foi escolhido como peça de abertura, no dia 18 de maio de 1850, tendo no elenco a companhia arregimentada pelo ator e ensaiador carioca Germano Francisco de Oliveira, que iniciou ali sua função de administrador de casas de espetáculos. Além do artista-empresário e de mais dois outros atores da Bahia, uma maioria de intérpretes que já atuava há tempos no Recife compôs aquela equipe. Coimbra deve ter assumido um papel insignificante, pois somente a partir de 8 de junho de 1850, com o drama *A Gargalhada*, de Jacques Arago e Alexandre Martin, há referências à sua participação com algum destaque.

Nesse primeiro ano de atividade, 29 textos puderam ser programados, entre tragédias, dramas, farsas e comédias, com parte dos espetáculos em grande aparato. A turma foi bem recebida pelo público recifense, mas não faltaram dicas de uma crítica então nascente de regularidade nos jornais a apontar mais estudo àqueles profissionais da cena:

Nunca tivemos uma escola onde os moços de talento, que se quisessem dar à vida de ator, pudessem aprender; cada um seguia suas tendências naturais, suas vocações com defeitos e vícios que se enraizavam sem nunca haver quem lhes advertisse do que era bom ou mau. [...] não havia onde fazer escolhas e [o público] aceitava resignado o que se lhe dava. Sempre ávido de distrações, procurando dar ao espírito certo alimento que lhe faltava, ele dirigia-se ao que então existia, essa capoeira do Gambôa, verdadeiro patíbulo das melhores produções literárias, e aí o seu humor se excitava, seus olhos fatigavam-se como se vissem na cena o triste espetáculo de uma guilhotina [...] para apresentá-la [a arte] ao público desgrehada, desfigurada, despida e nodoada [...]. (O KLAPA, *A União*, 20 jul. 1850, p. 1-2)

A “capoeira do Gambôa”⁵ a que o anônimo crítico O Klapa se refere era o primeiro teatro em que Coimbra trabalhara, nódoa que o perseguirá por anos, vide a lembrança sempre pejorativa dos críticos. Quanto à atuação do nosso “português recifense” no palco do Santa Isabel, os primeiros comentários sobre ele são curtos, provavelmente pela miúda importância que ainda tinha nos espetáculos. No drama histórico *D. Maria de Alencastro*, de Mendes Leal Júnior, exibido a 13 de julho de 1850, um crítico oculto apenas reconheceu que ele agradou no papel de D. Francisco. Quando da repetição da peça, quatro noites depois, afirmou: “O sr. Coimbra igualmente esteve bom; não foram portanto infundadas e vagas as esperanças que concebemos deste sr.” (TEATRO..., *Diario de Pernambuco*, 22 jul. 1850, p. 1).

Visto como promessa no correr da temporada, Coimbra foi assumindo personagens de maior peso. No entanto, mesmo diante dos elogios crescentes, não faltavam referências negativas ao seu início de carreira em teatro tão desacreditado. O resenhista do *Diario de Pernambuco*, por exemplo, chegou a intitular a equipe que ali trabalhava de “assassinos dos melhores dramas” (TEATRO, *Diario de Pernambuco*, 5 ago. 1850, p. 1), lembrando que o povo do Recife por longo tempo “gemeu sob o enorme peso da desorganização teatral da capoeira do Gambôa, sofrendo o triste espetáculo que a seus olhos se apresentava sempre no funeral que ali se fazia das mais belas produções [...] da arte dramática” (*Ibidem, idem*).

A lembrança ao seu passado numa casa precária, com espetáculos de qualidade duvidosa, segundo os críticos, perduraria por muito tempo nas referências a ele, mesmo diante do franco progresso das suas atuações, tendo agora por mestre o grande ator fluminense Germano Francisco de Oliveira. Quando da apresentação de Coimbra como o Conde de Tentugal em *O Cativo de Fez*, por exemplo, obra do dramaturgo português Antônio José da Silva Abranches, seus primeiros passos no tablado foram novamente lembrados como abismo para o momento atual de elogios:

O sr. Coimbra, que, segundo o nosso fraco entender, tem propriedade e muita habilidade para a cena, fez o seu tirocínio dramático no galinheiro do Gambôa [...], não podia assim

⁵ O português Francisco de Freitas Gambôa foi o mais inquieto, produtivo e polêmico de todos os administradores que passaram pela Casa da Ópera. Ele a assumiu em 1827, numa associação com um grupo de artistas preocupados com os rumos que as artes tomavam no Recife, a Companhia Cômica Regeneradora do Teatro de Pernambuco. Mas somente a partir de 1830 tornou-se, sozinho, o empresário do Teatro do Recife, como passou a ser chamada aquela casa de espetáculos.

desenvolver o seu gênio; mas, agora que tem um mestre perfeito na sua arte, [...] com as sábias lições do sr. Germano, já é outro muito diferente do que era antes. Consta-nos que este sr. não despreza qualquer ocasião que tem de aprender, já consultando ao seu digno diretor, já a alguns de seus colegas, e já finalmente exercitando-se na prática das lições que recebe. (TEATRO, *Diario de Pernambuco*, 5 ago. 1850, p. 1)

Como se vê, num período em que escolas de teatro não existiam, a prática era a alternativa de aprimorar-se profissionalmente, ainda mais junto a um artista experimentado que vinha de fora. Em 25 de setembro de 1850, com o drama *O Marinheiro de Saint-Tropez ou O Envenenamento*, dos franceses Auguste Anicet-Bourgeois e Adolphe d'Ennery, Coimbra já apareceu como segundo nome, no papel de Antonio Caussade, com elogios maiores por atender às lições do mestre-empresário. Sua ascendência era tanta que até pedidos do público surgiram para que ganhasse mais destaque. Um dado curioso neste seu início é que ele quase nunca participava das comédias em 1 ato ou farsas apresentadas na sequência aos dramas, como se fosse apenas das peças sérias. Mas, como necessária versatilidade, sua carreira deslancharia para outros gêneros no correr dos anos.

Irradiando talento a outras praças

Depois que o Santa Isabel passou para outras mãos empresariais, em setembro de 1852 Germano Francisco de Oliveira foi contratado para trabalhar no Teatro de São Luiz, na capital maranhense, levando consigo seu principal discípulo, o Coimbra. A primeira aparição do mesmo foi bem vitoriosa:

Subiu ontem à cena o drama *Os Dois Renegados* [de Mendes Leal Júnior]. Foi muito aplaudido e, no nosso entender, com muita justiça. Tudo andou bem. Debutou o sr. Duarte Coimbra fazendo a parte de Lopo da Silva. No fim do 1º ato lançaram-lhe da plateia uma linda coroa; felicitamo-lo pela sua boa estreia no Teatro de São Luiz. O sr. Coimbra é discípulo do sr. Germano. (SUBIU..., *O Globo – Jornal Comercial do Maranhão*, 8 out. 1852, p. 4)

Com a Assembleia Legislativa Provincial entregando a empresa teatral a Germano no ano seguinte, junto a uma prestação mensal de dez contos de réis, seu seguidor continuou ainda a ser louvado. A temporada perdurou até 31 de abril de 1855 e por várias vezes a crítica registrou que Coimbra, à custa de estudo e prática,

já atingira “a um grau de artista de alto merecimento” (CORRESPONDÊNCIAS..., *Diario de Pernambuco*, 15 mai. 1854, p. 2). Com o fim do acordo firmado com o Governo do Maranhão, parte da equipe foi trabalhar no Ceará, junto ao empresário Germano Francisco de Oliveira, e outra leva seguiu para o Teatro Providência, no Pará.

Em Belém, agora contratado pelo ator-empresário paraense Francisco de Sales Guimarães e Cunha, Coimbra, sempre referendado por seu talento e simpatia, continuou a acumular glórias. Junto ao parceiro de cena Silvestre Francisco Meira, o artista chegou mesmo a ficar à frente do Teatro Providência para dirigir a companhia dramática e fazer subir à cena alguns dos espetáculos. Estrepitosos aplausos, como dizia a crítica da época, o perseguiam:

A nossa Companhia Dramática é hoje uma das melhores de todo o Império, e o teatro acha-se tão decente que se torna por todos os motivos digno da proteção do público. E o público paraense sabe retribuir com generosidade os sacrifícios que se fazem para apresentar-lhe um recreio digno dele. A última representação, *Os Três Amores* [do professor franco-brasileiro Luís Antônio Burgain], atesta que os artistas que hoje possuímos são da melhor qualidade. [...] Na parte de Frei Eusébio brilhou o sr. Duarte Coimbra como costuma. (BELÉM..., *A Sentinel*, 14 jul. 1855, p. 1)

A estação teatral somente foi destruída pelo cólera, a disseminar inúmeras mortes. Com o contrato de subsídio suspenso pelo Governo, o empresário Francisco de Sales Guimarães e Cunha arruinou-se: “Os credores foram implacáveis, tomaram-lhe tudo. [...] Os artistas se dispersaram, alguns fugindo da epidemia, procurando terras mais saudáveis, outros porque estavam desempregados” (SALLES, 1994, p. 41). A despedida do Pará foi inevitável e Coimbra partiu para o Maranhão. Lá, em fevereiro de 1856, junto a Antônio José da Silva, recebeu a concessão oficial para representar no Teatro de São Luiz enquanto não chegava uma companhia lírica italiana.

Somente em janeiro de 1857 Antônio José Duarte Coimbra retornou à terra que adotou como sua, com esposa e quatro filhos, e foi chamado a trabalhar com o carioca João Caetano dos Santos, confirmado para cumprir sua primeira e única estada nos palcos do Recife. Contratado pelo presidente da província e com enorme expectativa do público, o mais afamado ator do Brasil no século XIX ocupou o Teatro de Santa Isabel de fevereiro a abril de 1857, contando com alguns poucos atores

locais selecionados para o seu elenco provisório, como era comum acontecer numa companhia em turnê.

Entre eles, destacou-se Coimbra, que viveu o Conde d'Aubrive no espetáculo de estreia, a 14 de fevereiro, *A Dama de Saint-Tropez*, original ainda não conhecido pelo público recifense, da dupla Auguste Anicet-Bourgeois e Adolphe d'Ennery. Apesar das poucas horas que teve para estudar o papel – pois não era ele quem o tinha de representar –, Coimbra pareceu ao crítico do *Diario de Pernambuco* ter desempenhado satisfatoriamente: “Nós o recomendamos ao sr. João Caetano, que, como tem feito há muitos, generosamente lhe dê a mão, proteja-o, ensine-o, apresente-o, que o sr. Coimbra não será esquecido ao mestre e ao amigo” (REVISTA..., *Diario de Pernambuco*, 17 fev. 1857, p. 2).

A temporada seguiu vitoriosa em todos os sentidos, mas, com a partida do astro maior, quando todos achavam que o enorme público atraído continuaria a prestigiar os espetáculos locais, agora representados pela Sociedade Dramática Empresária, sendo Coimbra um dos líderes deste núcleo, o resultado de bilheteria não compensou. No entanto, foi nesse período que o ator estreou seu maior sucesso, a comédia em 2 atos *O Conde de Paragará*, do português Aristides Abrantes: “O sr. Duarte Coimbra, o Barão [Gaspar], compreendeu excelentemente o seu papel, desempenhando com inteireza aquele tipo de homem ambicioso que com tanta habilidade soube caracterizar, confirmando brilhantemente a reputação de que goza” (CRÔNICA..., *Diario de Pernambuco*, 6 jun. 1857, p. 1), lembrou a crítica.

Somente quando a Empresa Germano voltou a ocupar aquele palco, de 7 de setembro a 22 de dezembro de 1857, a situação melhorou. No elenco contratado, misturando artistas de fora com outros locais, Coimbra mais uma vez esteve presente, mas houve uma querela a apontar possível desentendimento entre ele e o seu mestre-empresário – parece que, durante a temporada, o ator chegou a ser afastado –, com a plateia dividida em partidos consagratórios a cada um deles. Falou-se até que o discípulo estava a preparar uma pateada ao seu antigo orientador, ideia que gerou ofensas ao acusado, agora visto como de insignificante mérito artístico:

O sr. Coimbra, viciado como está ainda, ignorante das regras d'arte, com o péssimo costume de fazer caretas, e que não se corrige ainda do defeito de gritar descompassadamente; com tantas imperfeições cremos que nunca passou por sua cabeça o “pensamento soberbo e

ridículo" de se pôr em paralelo ao sr. Germano. Para honra sua acreditamos que o caluniam, atribuindo-lhe essa maquinção, e que o sr. Coimbra sabe muito bem que um ator não se eleva com a derrota alheia, mas com o mérito próprio. (H., *Diario de Pernambuco*, 22 dez. 1857, p. 2)

É curioso como agora, diante de uma possível disputa entre o grande ator Germano Francisco de Oliveira e o até então elogiado Antônio José Duarte Coimbra, a mesma crítica que o incensava passe a vê-lo como cheio de defeitos, acomodado em vícios e até o considerando "ignorante das regras d'arte". Estaria a crítica apenas tomado partido em defesa de um contra o outro? Para piorar, uma surpresa foi reservada ao encerramento daquela temporada, quando um desconhecido procurou injuriar o ator principal, com Germano no papel de João Gauthier (já vivido antes por Coimbra) na comédia em 3 atos *As Memórias do Diabo*, de Frédéric Soulié, jogando-lhe uma réstia de alho. Talvez por conta desse contratempo, o nosso ator emigrado seguiu para trabalhar em outros lugares.

Em 1859, por exemplo, vamos encontrá-lo fazendo sucesso no Ceará, no Teatro Thaliense, com dramas como *Afronta Por Afronta*, do português Lopes de Mendonça; ou *Pedro Sem Mais Nada*, de Mendes Leal Júnior; e *Os Irmãos das Almas*, comédia em 1 ato de Martins Penna. A 20 de março de 1859, quando houve récita em seu benefício, exibindo o drama em 5 atos *A Cruz ou O Talismã*, de Luiz de Vasconcellos de Azevedo e Silva, atestaram: "O beneficiado, o sr. Coimbra, no papel de Jorge, esteve acima de todo o elogio, deu-nos mais provas de seu talento artístico e nós o reconhecemos e admiramos" (AO FUMEGAR..., *Pedro II*, 23 mar. 1859, p. 1). Três meses depois nova decepção o atingiu, quando teve frustrada a ideia de arregimentar companhia para ocupar o Teatro de São Luiz, na capital maranhense, pois a Assembleia Legislativa Provincial de lá indeferiu o pedido diante do péssimo estado do edifício, além da falta de meios financeiros para tal.

Na gestão do negócio teatral

No início de 1860, optando por regressar ao Recife, Coimbra formou a Sociedade Dramática Nacional e passou a dirigir peças no Teatro Apolo, lançando trabalhos ainda não vistos pelo público recifense, como o drama em 3 atos *Abel e Caim*, de Mendes Leal Júnior. Num esforço tremendo, pois não contava com

incentivo algum do Poder Público, o ator-empresário solicitou a concessão do Santa Isabel e chegou a ser reverenciado por sua genialidade: “Nos rasgos do gênio teu, feres, comoves as almas; o povo, o tributo seu, vem traduzir-te nas palmas” (MONTEIRO, *Diario de Pernambuco*, 26 mar. 1860, p. 2), escreveu um de seus admiradores.

Em junho de 1861 é em Fortaleza, no Ceará, que Coimbra amplia afazeres teatrais. O bom gosto e cuidado que teve com o Teatro Thaliense, totalmente remodelado por ele, chamou a atenção dos críticos que o consideravam até como escola de interpretação. Voltando a trabalhar no Recife, Coimbra assumiu a direção artística do conjunto organizado pelo amigo Pedro Baptista de Santa Rosa, e o resultado foi uma exurreda de poesias em sua homenagem: “És o ídolo do povo, oh, gênio da arte! Ah, tu encantas o auditório imenso, rindo, chorando, na alegria ou dor; [...] artista, tu és digno de louvor!” (BESSONI, *Diario de Pernambuco*, 27 nov. 1862, p. 2).

Na derradeira sessão agendada, com a peça *O Negociante Honrado ou Um Forçado às Galés*, de Bessoni de Almeida, novos elogios foram direcionados àquele “apóstolo do teatro”, que levava à frente sua coroa de glórias: “É impossível que ele trabalhe melhor [...], seja em que papel for” (VAROTA, *Diario de Pernambuco*, 3 dez. 1862, p. 2), assegurou mais um crítico anônimo da época. Sem deixar de lutar constantemente por incentivos do Governo, Antônio José Duarte Coimbra optou por fazer nascer firma própria em 1863, a Empresa Coimbra, no intuito de administrar o Teatro de Santa Isabel, e aventurou-se a contratar figuras ainda mais ilustres.

Dois distintos artistas portugueses, já radicados no Brasil, mas pela primeira vez trabalhando no Recife, ficaram à frente dos 18 componentes contratados: Eugênia Câmara e Furtado Coelho (este também na direção artística). Sem poupar esforços e avultadas despesas na intenção de exibir produções da “moderna” literatura dramática, tanto nacional quanto portuguesa e francesa, ainda não vistas no Santa Isabel, Coimbra programou mais de duas dezenas de dramas, comédias, vaudevilles e cenas cômicas, mostradas com todo o esmero de cenário, mobílias, adornos, atuação e orquestra musical.

No inédito repertório, destaque para *O Demônio Familiar*, comédia de José de Alencar, pela primeira vez exibida no Recife a 22 de abril de 1863, na qual Eugênia Câmara desempenhava o irrequieto papel de Pedro, o Moleque. Ainda no elenco

reunido, Antônio Teixeira de Carvalho Lisboa, Flávio Nunes Wandeck, Thomaz Antônio Espiúca, José de Lima Penante, Joanna Januária de Sousa Bittencourt e Jesuína Josephina da Silva, entre outros. “O gosto do sr. Duarte Coimbra pela arte dramática que professa por naturalíssima e bem pronunciada tendência, é geralmente conhecido entre nós que porventura o temos acompanhado desde sua estreia e repetidamente o havemos saudado em seus triunfos” (UM MATUTO, *Diario de Pernambuco*, 8 abr. 1863, p. 2), escreveu outro entusiasta.

Pelo fim das intrigas artísticas

Somente quando Coimbra e Germano foram contratados como atores no Maranhão (o primeiro também como ensaiador), pela Empresa Carlos Colás & Couto Rocha, os dois se reconciliaram. Ao ponto de formarem a Empresa Germano & Coimbra, que promoveu reparos e nova pintura no Teatro de Santa Isabel, quando a dupla ficou à frente daquela casa de espetáculos. No drama *O Correio de Lyon ou O Processo Lesurques*, original francês com tradução do próprio Germano, a atuação do seu parceiro voltou a ter brilho especial: “A execução que o sr. Coimbra costuma dar aos papéis que lhe são confiados dispensa-nos de dizermos que elevou a do velho Lesurques à altura da expectativa pública e à imaginação do autor” (O DRAMA..., *Diario de Pernambuco*, 12 out. 1864, p. 8).

Já no ano seguinte, foi apenas a Empresa Coimbra quem organizou nova companhia dramática, tendo como destaques Germano e a atriz Eugênia Câmara, além de orquestra regida pelo maestro Colás Filho. A 29 de março de 1865, o drama em 4 atos do carioca Francisco Pinheiro Guimarães, *História de Uma Moça Rica*, sobre a regeneração social e moral de uma mulher, fez um sucesso incontestável. Pouco depois, o elogiado ator português Luiz Carlos Amoêdo teve que substituir Germano nas peças programadas. Ao final daquela temporada, Antônio José Duarte Coimbra celebrou mais uma sonhada vitória: naturalizou-se brasileiro.

À frente do Santa Isabel em 1866, ele contratou novos outros importantes artistas do Teatro Ginásio Dramático, do Rio de Janeiro: Adelaide Amaral, Pedro Joaquim da Silva Amaral (também como ensaiador) e Clélia de Carvalho, prometendo peças inéditas entre as 30 récitas. Em 1867, na intenção de voltar a circular, Coimbra até pediu à Assembleia Legislativa Provincial subvenção para

fundar uma companhia que deveria trabalhar na Paraíba, mas não conseguiu a aprovação. Augusto César de Lacerda, ator e dramaturgo português, e Carolina Augusta Falco, sua esposa, ex-contralto do Teatro Lírico, figuraram entre seus novos contratados.

Quando da exibição do drama em 4 atos *Mistérios Sociais*, do próprio César de Lacerda, pela primeira vez representado no Brasil, um crítico anônimo saldou o incansável empresário-ator: “É levando à cena dramas como este, e distribuindo com justiça e critério os diversos tipos que o formam, pondo cada papel nas mãos do artista que estiver na sua altura, que o sr. Coimbra obterá, como tem sempre obtido, os favores do nosso público” (REVISTA..., *Diario de Pernambuco*, 9 abr. 1867, p. 1). Mesmo assim, polêmicas sobre as verbas públicas que recebia lhe perseguiam aqui e ali.

Em 1868, já sem atuar, Coimbra continuava a administrar o Santa Isabel. Sua companhia dramática estreou a 5 de fevereiro, dando destaque ao casal Joaquim Augusto Ribeiro de Souza (para diretor de cena também) e Maria Velluti, no drama em 5 atos *O Pelotiqueiro*, de Adolphe d’Ennery e Jules Brésil. A seguir, ele anunciou outro casal afamado, Manoel De-Giovanni e Jesuína Montani como novos componentes. Para reforçar sua credibilidade, passou a fazer benefícios para viúvas e órfãos dos pernambucanos que morreram na Guerra do Paraguai, mas houve quem o acusasse de lucro desenfreado e até mesmo a Assembleia Legislativa cogitou o fim das suas subvenções.

Na intenção de marcar presença com os melhores artistas que pisavam em solo pernambucano, no elenco de 1869 brilhou o conhecido cômico carioca Martinho Corrêa Vasques, além do galã português Eduardo Álvares da Silva e da jovem maranhense Apolônia Pinto. Por essa época, não faltou até uma peleja com o italiano Manoel De-Giovanni, que agora trabalhando no Teatro Ginásio Dramático, no bairro do Monteiro, não lhe escondeu mágoas e o apontou como um empresário astuto, “apesar de analfabeto e de ser nulidade em matéria teatrológica” (DE-GIOVANNI, *Jornal do Recife*, 7 mai. 1869, p. 2), acostumado a pagar meios ordenados aos contratados. A polêmica rendeu farpas na imprensa.

Até que um terrível incêndio destruiu o Teatro de Santa Isabel quase por completo, na data 19 de setembro de 1869, e Coimbra, como empreendedor nato, resolveu inaugurar o seu Teatro de Santo Antônio, na rua da Florentina, estreando

com grandes bailes mascarados de 26 de fevereiro a 1 de março de 1870. Dos variados ofícios que assumiu, ele chegou até a gerir o Santa Isabel concomitantemente, quando este foi reestruturado, diminuindo, de vez, as turnês aos estados. Sua atuação à frente do Teatro de Santo Antônio durante 19 anos – desde 1876 era seu filho, José Clemente de Souza Coimbra, quem gerenciava o local – renderia outro artigo, mas vale registrar que o prédio foi repassado à atriz e empresária portuguesa Helena Balsemão em 1889, funcionando até dezembro de 1893 quando entrou em penhora.

Reclusão que mata

Depois de ter perdido parte dos filhos, todos também dedicados à vida teatral itinerante, Antônio José Duarte Coimbra, já envelhecido e adoentado, fez sua provável última aparição no palco em 1891, no Teatro Maceioense, na capital alagoana, na peça *O Conde de Paragará*, quando foi convidado a reviver o papel do Barão Gaspar numa temporada que a equipe liderada por outro rebento seu, Antônio José Duarte Coimbra Júnior (Coimbra Filho), realizava por lá. Assumiu a mesma personagem que havia lançado 34 anos antes, em 1857, no Teatro de Santa Isabel. O órgão literário e noticioso *O Horizonte* salientou sua ilustre presença em Maceió:

Este distinto ator, pai do nosso sempre apreciado artista Antônio Coimbra, acha-se entre nós vindo da cidade do Recife. De todo coração nós abraçamos ao respeitável ancião que tantas glórias tem tido na sua vida, como só acontece a todos aqueles que em sua frente têm a auréola do gênio. (ANTÔNIO..., *O Horizonte*, 19 jul. 1891. p. 1)

Mesmo que parte dos familiares continuasse na vida errante dos palcos, uma inevitável abstinência da cena aconteceu até sua morte aos 79 anos, no dia 31 de janeiro de 1904, no Hospital Português, no Recife, instituição da qual era sócio. A causa do falecimento deixou de ser divulgada, mas ele foi lembrado como um artista dramático muito bem quisto. Desde 1903, na verdade, vivia num leito daquele hospital por conta de uma paralisia. E o teatro brasileiro perdeu um de seus portugueses emigrantes mais dinâmicos, infelizmente esquecendo-o quase que por completo. Este artigo tenta fazê-lo ativo novamente, como sempre foi na prática de homem da cena e dos bastidores, atingindo o posto de empresário-artista que mais

ocupou o Teatro de Santa Isabel no século XIX, chegando também a representar e cuidar de outras casas de espetáculos pelo Norte e Nordeste brasileiro num devotado amor ao seu ofício.

Referências:

- ANTÔNIO... **O Horizonte**. Maceió, 19 jul. 1891. p. 1.
- AO FUMEGAR... **Pedro II**. Fortaleza, 23 mar. 1859. Folhetim. p. 1.
- BASTOS, Souza. **Carteira do Artista**. Lisboa, Portugal: Antiga Casa Bertrand, 1898.
- BELÉM... **A Sentinela**. São Luís, 14 jul. 1855. Retrospecto Semanal. p. 1.
- BESSONI. A Antônio José Duarte Coimbra no seu esplêndido benefício. **Diario de Pernambuco**. Recife, 27 nov. 1862. Publicações a Pedido. p. 2.
- CORRESPONDÊNCIAS... **Diario de Pernambuco**. Recife, 15 mai. 1854. Interior. p. 2.
- COSTA, Francisco Augusto Pereira da. **Anais Pernambucanos** (1795-1817). Vol. VII. Recife: Secretaria do Interior e Justiça: Arquivo Público Estadual, 1958.
- CRÔNICA Teatral. **Diario de Pernambuco**. Recife, 6 jun. 1857. Página Avulsa. p. 1.
- DE-GIOVANNI, Manoel. Contra fatos não há argumentos. **Jornal do Recife**. Recife, 7 mai. 1869. Publicações Solicitadas. p. 2.
- H. O teatro entre nós III. **Diario de Pernambuco**. Recife, 22 dez. 1857. Comunicados. p. 2.
- LIMA, Magela. **Os Nordestes e o Teatro Brasileiro**. Jundiaí, SP: Paco Editorial, 2019.
- LOWENTHAL, David. Como conhecemos o passado. In: **Revista Proj. História**. São Paulo: PUC/SP, 1998.
- MONTEIRO, J. Ao ator Antônio J. Duarte Coimbra no dia do seu benefício. **Diario de Pernambuco**. Recife, 26 mar. 1860. Publicações a Pedido. p. 2.
- O DRAMA... **Diario de Pernambuco**. Recife, 12 out. 1864. Literatura/Teatro de Santa Isabel. p. 8.
- O Klapa. Teatro de Santa Isabel. **A União**. Recife, 20 jul. 1850. Folhetim. p. 1-2.
- REVISTA Teatral. **Diario de Pernambuco**. Recife, 17 fev. 1857. Pernambuco. p. 2
- REVISTA Diária. **Diario de Pernambuco**. Recife, 9 abr. 1867. Pernambuco. p. 1.

SALLES, Vicente. **Épocas do Teatro no Grão-Pará ou Apresentação do Teatro de Época** – Tomo 1. Belém: UFPA, 1994.

SUBIU... **O Globo – Jornal Comercial do Maranhão**. São Luís, 8 out. 1852. Notícias Diversas. p. 4.

TEATRO de Santa Isabel. **Diario de Pernambuco**. Recife, 22 jul. 1850. Folhetim. p. 1.

TEATRO de Santa Isabel. **Diario de Pernambuco**. Recife, 5 ago. 1850. Folhetim. p. 1.

UM MATUTO. A Empresa Coimbra. **Diario de Pernambuco**. Recife, 8 abr. 1863. Comunicados. p. 2.

VAROTA. Teatro de Santa Isabel. **Diario de Pernambuco**. Recife, 3 dez. 1862. Comunicados. p. 2.